

KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

“A violência histórica contra os Yanomami: Silenciamento histórico, Violência e Garimpo”

André Eiji de Azevedo Murai	N. USP: 7998862
Emily Kauane Pereira	N. USP: 10703736
Igor da Silva Barbosa	N. USP: 10703890
João Pedro T. G. Sanchez	N. USP: 11771422
Lorena Sayuri Nakashima	N. USP: 8676030

Lélia discursando em Ato público na Cinelândia, Rio de Janeiro, 1983. Foto: Januário Garcia.

Situação-Problema: “A violência histórica contra os Yanomami: Silenciamento histórico, Violência e Garimpo”

O objetivo deste Kit Didático é evidenciar os efeitos e as consequências da violência histórica contra os Yanomami, enquanto um povo complexo, atores de sua própria história e possuidores de um sofisticado sistema de pensamento sobre o mundo. Procurou-se enfatizar a vida e a cultura do povo Yanomami, a partir das falas do xamã Davi Kopenawa Yanomami, em especial as que constam no livro *A Queda do Céu*, assim como o acirramento das relações de conflito com o invasor branco, principalmente através das denúncias contemporâneas da violência na Terra Indígena Yanomami, perpetrada por garimpeiros ilegais, que culminaram, em 2022, na publicação do relatório “Os Yanomami Sob Ataque”. Com a situação-problema “A violência histórica contra os Yanomami”, buscou-se evidenciar um processo de reivindicação histórica dos povos indígenas por direitos humanos – territoriais, políticos, sociais – que permanece em pauta até hoje. Foram selecionados documentos que demonstram a disputa territorial e os interesses mercadológicos envolvendo o garimpo e a mineração, mas que também exponham a agência e as instâncias de resistência Yanomami frente aos ataques constantes. Daí a importância da seleção de documentos que evidenciam a voz e a perspectiva indígena.

Este kit didático, sobre a violência histórica contra os povos Yanomami, foi realizado ao longo das oficinas na disciplina de *Ensino de História: Teoria e Prática*. O kit foi estruturado em três sequências didáticas, que dessem conta da complexidade do pensamento Yanomami e das especificidades da violência que eles sofrem.

Na primeira sequência, **“O Povo Yanomami”**, trabalhamos com diversos excertos do livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A Queda do Céu*. Nossa intenção foi trazer para o primeiro plano a centralidade da concepção de mundo dos Yanomami e de Davi Kopenawa, de forma que a violência e a destruição pudessem ser percebidas a partir de uma perspectiva indígena. Isso motivou nosso esforço de explicitar, através desses excertos, as questões mais importantes que estruturam e organizam o modo de vida Yanomami: a cosmologia, com a origem em Omama; o lugar e o papel do branco invasor; a percepção de que a floresta, o céu, a terra, os rios estão vivos; a transmissão de conhecimento através dos espíritos; e a introdução da ideia de Davi Kopenawa de que “a mercadoria faz mal para a floresta”.

Na segunda sequência, **“Xawara, a história da violência”**, trabalhamos o aspecto histórico das doenças e dos massacres contra os Yanomami, com destaque à questão da espoliação de terras e do ataque à concepção de mundo dos indígenas por não produzirem para o mercado e para a exploração comercial. A partir disso, introduzimos a concepção de *xawara*, conforme explicada por Davi Kopenawa, para tratarmos das epidemias e das doenças, assim como das contaminações geradas pela exploração de minérios. Trata-se de uma percepção de mundo que se tornará central na hora de se analisar os efeitos específicos da destruição do meio ambiente e das condições físicas e morais de vida dos Yanomami.

Na terceira sequência, **“Confronto de perspectivas na guerra pelo território”**, apresentamos as falas e as perspectivas daqueles que perpetram a violência, a exploração e o abuso. Colocamos em conflito, portanto: frases e posicionamentos do presidente da República, contrários à demarcação de terras indígenas; a transcrição de áudios de garimpeiros no momento do massacre no rio Uraricoera, com incitamento à guerra; as denúncias do relatório “Yanomami Sob Ataque”, sobre a morte e a exploração sexual de crianças e adolescentes pelos garimpeiros; a relativização da violência por parte do presidente da Funai, que corrobora a história na qual as instâncias de proteção aos indígenas acabam atuando, muitas vezes, como os próprios agentes de perseguição e violência; e, por fim, as falas de uma liderança Yanomami, na busca de sensibilizar os não indígenas.

Introdução e leitura das fontes

O termo *Yanomami* deriva etimologicamente da palavra “humano”, conforme nos contam Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert em seu seminal estudo e relato, *A Queda do Céu, palavras de um xamã yanomami*, lançado pela Companhia das Letras em 2015. Fruto de uma amizade sólida e de uma luta em conjunto pela salvaguarda do território amazônico e de sua população originária, a publicação deste livro acumula dezenas de vitórias intelectuais, não restritas aos campos da antropologia e da história, uma vez que este material possui um profundo caráter interdisciplinar e também porque visa dar voz a uma etnia indígena que compartilha as mesmas dores, desembocadas como consequências da empreitada colonial. Além de um convite à viagem pela história e pelo pensamento de um xamã yanomami, *A Queda do céu* é também um manifesto contra um estereótipo largamente veiculado sobre o indígena como um povo feroz, de costumes sujos e primitivos, como tanto se ouve e se lê na documentação missionária, intelectual, burocrática e política do século XVI ao século XIX, chegando às franjas deste nosso século, como se verá no Kit Didático.

Este material está estruturado de forma que o entendimento da problemática comece, na primeira sequência, com uma brevíssima noção do universo/pensamento yanomami, proferida por um dos elementos mais caros desta cultura: a figura do xamã. O xamã conduz o seu povo e é conduzido pelos ensinamentos de *Omama* e dos espíritos *xapiri*. Com a revelação desse saber, como da retirada de um véu, Kopenawa deixa de ser um indivíduo de visão ordinária e passa a ver o mundo de forma diferenciada daqueles que não são xamãs, no sentido de enxergar sem enganos e sem o *esquecimento* do valor da Natureza, que Kopenawa tanto evoca contra a mente dos brancos. Uma vez estabelecido o contato entre os Yanomami e os brancos, vê-se gradualmente um processo de violação e de aniquilamento desta etnia em função dos interesses econômicos e políticos em torno da Floresta Amazônica, cujo cerne de destruição se dá pelas atividades do garimpo e das escavações em busca de minérios, em especial do ouro.

Na segunda e na terceira sequências didáticas, observamos o litígio pela demarcação de terras em dois aspectos: a denúncia daqueles que exigem seus direitos e continuam sofrendo e tentando se fazer escutar em relação aos abusos e às atrocidades de que padecem; e a posição daqueles que exigem, de modo escancarado, o não cumprimento desses mesmos direitos e a permanência da perversa devastação da floresta e dos Yanomami.

O destaque ao livro *A Queda do Céu* se faz importante pois seus trechos funcionam como um fio de Ariadne que amarram as ideias da nossa problemática histórica, cujo material neste Kit Didático congrega fontes de diversos e diferentes suportes: transcrições de curtas e longas metragens, letras de música, fotografias da destruição e dos efeitos do garimpo, matérias e reportagens de jornais, artigos científicos, relatórios de organizações indígenas, tudo calcado também em uma bibliografia básica.

Dividido em **Três Sequências**, este Kit Didático contém **22 Documentos** que apresentam o processo histórico de violência contra os Yanomami, tendo como pano de fundo as relações de poder que envolvem os interesses econômicos e políticos da mineração e do garimpo contra a necessidade de demarcação do território Yanomami.

Na **Primeira Sequência**, intitulada *O povo Yanomami, uma concepção de mundo indígena*, foram selecionados 8 documentos. O **Documento 1A** contém a segunda epígrafe de *A Queda do Céu*, na qual Kopenawa enseja uma síntese da luta de seu povo, em consonância com o **Documento 1B**, contendo a primeira epígrafe do livro, um excerto de um escrito de Claude Lévi-Strauss. O **Documento 2** trata da feliz parceria entre o cantor/compositor Fábio Brazza e o grupo Mato Seco, que interpretam a música *Aiyra Ibi Abá*, que em tradução livre designa “filho da terra”. Os **Documentos 3A e 3B** versam sobre a cosmologia yanomami e sobre o perigo iminente desta concepção cair no esquecimento: são, respectivamente, um excerto do livro *A Queda do Céu* e uma transcrição do filme “A Última Floresta, que faz alusão ao livro. O **Documento 4**, retirado do livro, relata a iniciação de Kopenawa ao xamanismo, através do uso do pó de *yãkoana*. Os **Documentos 5A e 5B** evocam a questão ideológica e secular que orientou o pensamento ocidental sobre a população indígena como um todo – a dita inferioridade na construção da alteridade indígena por parte dos brancos –, junto com outra transcrição de *A Última Floresta*, reforçando essa diferença geradora de praticamente toda a luta indígena por sobrevivência.

A **Segunda Sequência**, intitulada *Xawara, a história da violência* contém 7 documentos. O **Documento 6** contém uma entrevista bastante elucidativa com o professor José Ribamar Bessa Freire (UNIRIO), sobre o contexto de produção do Relatório Figueiredo. O **Documento 7**, outro excerto de *A Queda do Céu*, enseja uma das principais causas do genocídio indígena, o alastramento das epidemias. Na mesma toada, o **Documento 8** aborda as doenças na visão dos Yanomami, com o trecho de uma entrevista feita com Kopenawa sobre a *xawara*, ampla concepção sobre as epidemias que abarca a saúde física, mental, espiritual dos indígenas, e, por conseguinte, o mal causado à floresta, ao céu, à terra e aos rios, malefício que não deixa de atingir a parcela branca da população. O **Documento 9** dá o tom das fontes seguintes e traz um excerto do artigo de Alcida Rita Ramos, sobre o papel político das epidemias no caso dos Yanomami. O próximo conjunto de materiais didáticos, os **Documentos 10A e 10B**, apresenta duas imagens do garimpo, fotografadas em maio de 2020. O **Documento 11** traz uma matéria do Globo, de maio de 2022, sobre o histórico de devastação do garimpo ao longo dos 30 anos da Terra Yanomami.

A **Terceira Sequência**, última deste Kit, leva o nome de *Confronto de perspectivas na guerra pelo território* e contém 7 documentos. A visão do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, sobre o que ele defende que se deve fazer com os indígenas, é sintetizada neste conjunto, dos **Documentos 12A e 12B**. O **Documento 13** situa o massacre de indígenas no rio Uraricoera através da transcrição de áudios de garimpeiros, membros de facções armadas que pronunciaram uma guerra contra os Yanomami. A matéria do Jornal O Globo, no **Documento 14**, denuncia a morte e o estupro de meninas e adolescentes Yanomami e as atrocidades das relações precárias da vida na região, nas quais os garimpeiros exigem sexo em troca de comida. A próxima matéria, o **Documento 15**, do Jornal Virtual Brasil de Fato, expõe a fala do presidente da Funai, que equivale à situação de vítimas os garimpeiros. O último conjunto de materiais, os **Documentos 16A e 16B**, apresenta dois relatos de lideranças Yanomami: tais apelos conclamam as lideranças não indígenas a olharem sem desinteresse para a situação dos Yanomami e para o estado calamitoso da Floresta Amazônica.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

PRIMEIRA SEQUÊNCIA – O povo Yanomami, uma concepção de mundo indígena. Cultura, história, religião e xamanismo. Agência e organização social e dos povos Yanomami. Processo histórico-cultural de apagamento e de resgate da memória.

- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. **(livro)**
- “Uma outra História”, Vincent Carelli - 2000. MEC - Dez programas para TV. TV ESCOLA / VÍDEO NAS ALDEIAS. Índios no Brasil é uma iniciativa da TV Escola, da Secretaria de Educação à Distância, do Ministério da Educação, produzida pela ONG Vídeo nas Aldeias. **(vídeo)**
- “A última Floresta”, Luiz Bolognesi. Documentário, 2021. Gullame Filmes. **(filme)**
- *Aiyra Ibi Abá* - (Fábio Brazza) - Participação: Mato Seco Álbum: *Tupi or Not Tupi*, 2016. **(música)**

SEGUNDA SEQUÊNCIA: Xawara, a história da violência. Uma história de doenças, epidemias, massacres, genocídios, violação de direitos, ação e imagens do garimpo ilegal.

- Entrevista com José Ribamar Bessa Freire realizada pelo Instituto Humanitas Unisino sobre o Relatório Figueiredo;
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. (Doença dos brancos na vida de Davi Kopenawa).
- *Xawara* - O ouro canibal e a queda do céu. Bruce Albert entrevista Davi Kopenawa.
- Artigo: RAMOS, Alcida Rita. *O papel político das epidemias: O caso Yanomami*. Série Antropologia, n. 153. 1993. 21p.
- Imagens do Garimpo, no Rio Mucajaí, Maio de 2020.
- Reportagem do Jornal G1, de 25/05/2022: “Terra Yanomami completa 30 anos com maior devastação da história causada pelo garimpo.”

TERCEIRA SEQUÊNCIA: Confronto de perspectivas na guerra pelo território: falas, posicionamentos, pontos de vista, visões e concepções de mundo distintas.

- Pronunciamento de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados, 15/04/1998 - Sobre a Cavalaria brasileira.
- Reportagem do G1 de 16/03/2022 - “O que as frases e medidas de Bolsonaro mostram sobre a visão dos indígenas?”
- Reportagem do Site do Instituto Socioambiental, em 10/05/2021: “Áudios de garimpeiros apontam para ‘facção armada’ e risco de massacre na terra yanomami.”
- Reportagem do jornal O Globo de 10/04/2022: “Terror ianomâmi: garimpeiros aliciam mulheres e adolescentes indígenas trocando comida por sexo.”
- Reportagem do Brasil de Fato/ Lábrea (AM) de 12/04/2022 “Garimpeiros são tão vítimas quanto os Yanomami, diz presidente da Funai.”
- “Yanomami Sob Ataque”, de abril de 2022: Depoimento de liderança Yanomami: “Os garimpeiros destruíram nossa floresta”
- “Yanomami Sob Ataque”: Depoimento de liderança Yanomami gravado por Richard Mosse na região Palimiu em Junho de 2021.

ÍNDICE DE DOCUMENTOS

Primeira sequência:

O povo Yanomami, uma concepção de mundo indígena:

Documento 1A – Davi Kopenawa: “O céu vai desabar”.

Documento 1B – Claude Lévi-Strauss, sobre a mitologia ameríndia.

Documento 2 – Canção: *Aiyra Ibi Abá*.

Documento 3A – O saber Yanomami: memória passada por *Omama* e os *xapiri*.

Documento 3B – A Última Floresta (0:07:29): “Os brancos não nos conhecem”.

Documento 4 – Davi Kopenawa, sobre o pó de *yãkoana* e a iniciação xamânica.

Documento 5A – Davi Kopenawa, sobre diferença e sobrevivência.

Documento 5B – A Última Floresta (1:06:42):

“A mercadoria faz mal para a floresta”.

Segunda sequência:

Xawara, a história da violência:

Documento 6 – Relatório Figueiredo: mais de sete mil páginas sobre a violência contra indígenas no Brasil. Entrevista especial com José Ribamar Bessa Freire.

Documento 7 – Doenças dos brancos na vida de Davi Kopenawa.

Documento 8 – Xawara - O ouro canibal e a queda do céu. Bruce Albert entrevista Davi Kopenawa.

Documento 9 – Instrumentalização das doenças em prol da política de tomada ilícita de territórios nativos.

Documento 10A – Imagens do garimpo: Garimpo no rio Mucajaí. 2020, de Chico Batata.

Documento 10B – Imagens do garimpo: Garimpo no rio Mucajaí. 2020, de Chico Batata.

Documento 11 – Terra Yanomami completa 30 anos com maior devastação da história causada pelo garimpo.

Terceira sequência:

Confronto de perspectivas na guerra pelo território:

Documento 12A – Jair Bolsonaro, sobre a cavalaria brasileira.

Documento 12B – O que as frases e medidas de Bolsonaro mostram sobre a visão dos indígenas? (Reportagem do G1 de 16/03/2022).

Documento 13 – Áudios de garimpeiros - ISA - Instituto Sócio Ambiental (10/05/2021)

Documento 14 – Reportagem do jornal O Globo (10/04/2022): “Terror ianomâmi: garimpeiros aliciam mulheres e adolescentes indígenas trocando comida por sexo”, por Daniel Biasetto.

Documento 15 – Reportagem do Brasil de Fato: “Garimpeiros são tão vítimas quanto os Yanomami, diz presidente da Funai”.

Documento 16A – “Yanomami Sob Ataque”: Depoimento de Liderança Yanomami (“os garimpeiros destruíram nossa floresta”)

Documento 16B – “Yanomami Sob Ataque”: Depoimento de liderança Yanomami gravado por Richard Mosse na região Palimiu em Junho de 2021.

QUESTÕES

PRIMEIRA SEQUÊNCIA – O POVO YANOMAMI

Documento 1A – Questões:

- 1) Para Davi Kopenawa, qual o significado de: “a floresta está viva”?
- 2) Qual função os espíritos xapiri cumprem e por que eles fogem para longe?
- 3) Explique a relação entre os espíritos xapiri, os xamãs e a floresta.
- 4) Explique a relação entre a morte dos xamãs e a previsão de que o céu vai desabar.
- 5) Para Davi Kopenawa, os “brancos” atuariam mais como agentes conscientes de destruição ou mais como agentes sem a percepção das consequências de suas ações? Justifique.
- 6) Qual seria a importância de se “avisar” os brancos sobre a destruição da floresta?
- 7) Reflita a respeito da relação entre o equilíbrio do ecossistema e a existência do cosmos, na concepção de mundo de Davi Kopenawa.

Documento 1B – Questões:

- 1) Qual seria o “lugar dos invasores” na mitologia ameríndia?
- 2) O que Lévi-Strauss quer dizer quando afirma que a “solidariedade de origem” se transforma “em solidariedade de destino” na boca das “vítimas mais recentes da conquista”?
- 3) Em que sentido não só os índios, mas também os brancos estão ameaçados “pela cobiça de ouro e pelas epidemias” introduzidas pelos brancos?
- 4) Qual o significado da mutualidade na concepção de mundo Yanomami?
- 5) Reflita sobre as implicações políticas da afirmação: “o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um”, ou seja, um aspecto crucial para se evitar a “catástrofe”.
- 6) Como o aspecto político afeta a forma como o “xamã yanomami” atua?
- 7) Levando em consideração a descrição de Lévi-Strauss de que “o xamã yanomami pensa trabalhar para o bem de todos, inclusive seus mais cruéis inimigos”, explique porque o autor se impressiona com a grandeza dos Yanomami, em sua “concepção da solidariedade e da diversidade humanas, e de sua implicação mútua”.
- 8) Em qual sentido se pode afirmar que Lévi-Strauss percebe uma diferença na forma como brancos e indígenas concebem o mundo e as relações entre diferentes grupos humanos?
- 9) Por que “é emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção [...] enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende – [...] – nossa própria sobrevivência”?

Documento 2 – Questões:

- 1) Reflita sobre a importância da terra para os povos indígenas, considerando a canção.
- 2) Encontre na canção exemplos de como os indígenas resistem e reagem aos brancos.
- 3) Qual a importância da demarcação de terra para os indígenas?
- 4) Qual a relação entre dinheiro, violência e guerra conforme a canção?
- 5) Considerando a letra da música e os Documentos 1A e 1B, que comparações podemos fazer entre a forma como brancos e indígenas, respectivamente, concebem o mundo, a vida, o meio ambiente e a própria relação de ambos entre si?

Documento 3A – Questões:

- 1) Compare o modo de transmissão do conhecimento entre os Yanomami e entre os brancos. Há semelhanças ou diferenças?
- 2) Para os Yanomami, o conhecimento se adquire ou se recupera? Justifique.
- 3) Explore, a partir desse excerto, a importância do aspecto espiritual para esta etnia. E como os Yanomami obtêm conhecimento e se organizam socialmente?
- 4) Quais funções *Omama* cumpre na organização social dos Yanomami, em relação à defesa, à manutenção e à proteção da floresta?
- 5) Qual é a relação entre a religião dos Yanomami e a obtenção de comida?
- 6) Por que Davi Yanomami acredita que os brancos “vão nos deixar morrer de fome”?

Documento 3B – Questões:

- 1) O que Davi Kopenawa defende que deve ser feito para se combater a falta de reciprocidade nas trocas de saberes e conhecimento com os brancos?
- 2) Essa troca de conhecimento dos Yanomami com os brancos se trata mais de uma questão espontânea ou se trata mais de uma questão de sobrevivência? Justifique.
- 3) A quais necessidades dos povos Yanomami Davi Kopenawa estaria atendendo, no caso de procurar se explicar para os brancos e de se fazer entendido?
- 4) Quais são os significados de os Yanomami serem os “últimos filhos da floresta”?

Documento 4 – Questões:

- 1) O pó de *yãkoana* cumpre qual papel e qual função na sociedade Yanomami?
- 2) Qual a relação entre o uso do pó de *yãkoana*, os xamãs e os espíritos *xapiri*?
- 3) Como o xamã orienta o não-xamã com relação ao que é benéfico ou não para a sociedade?
- 4) Quais são os significados políticos, sociais e religiosos do uso do pó de *yãkoana*, considerando que “sem ela, seríamos ignorantes”?
- 5) Discuta a importância de se ouvir as palavras dos espíritos com clareza, de “pensar direito” e de ver os caminhos dos espíritos e dos seres maléficos.

Documento 5A – Questões:

- 1) Por que Davi Kopenawa afirma que imitar os brancos em tudo, “não é o que queremos”?
- 2) O que Davi Yanomami quis dizer ao afirmar que “só poderemos ser brancos quando eles mesmos se transformarem em Yanomami”?
- 3) Relacione a importância de se proteger a forma como os Yanomami se organizam – a partir do conhecimento de *Omama*, resgatado pelos xamãs, com os espíritos *xapiri*, através do uso do pó de *yãkoana* – e a afirmação de que nas cidades dos brancos, “seremos infelizes”.
- 4) De acordo com as colocações de Davi Kopenawa, se os Yanomami fossem integrados à sociedade dos brancos, o que aconteceria com os indígenas?
- 5) Explore as implicações de se reduzir a independência e a autonomia dos Yanomamis, a partir da afirmação de que os brancos “acabarão com a floresta e nunca mais deixarão nenhum lugar onde possamos viver longe deles”.
- 6) Como o excerto explica a importância da tradição oral e da memória para os Yanomami?
- 7) Como a “memória” conecta os Yanomami a suas tradições e a seus antepassados?
- 8) O que Kopenawa quer dizer quando afirma que as palavras antigas e muitas dos antepassados não vão desaparecer, mas ficar “gravadas dentro de nós”?

Documento 5B – Questões:

- 1) Conforme exposto por Davi Kopenawa, quais são as diferenças entre aquilo que é “importante” para os brancos e aquilo que é “importante” para os Yanomami?
- 2) Qual contraste se pode estabelecer entre tudo ser “bonito” na floresta e “os brancos que são autoridades” terem liberado “o garimpo em nossas terras”?
- 3) Quais os efeitos destrutivos da mercadoria?
- 4) Quais valores Kopenawa apresenta para se contrapor à “importância” da mercadoria?

QUESTÕES

SEGUNDA SEQUÊNCIA – XAWARA, A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA

Documento 6 – Questões:

- 1) Por que os resultados do “Relatório Figueiredo” a respeito da atuação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) foram considerados escandalosos?
- 2) Em quais áreas de conflito a CPI indicou a cumplicidade do SPI?
- 3) Segundo o professor entrevistado, José Freire, qual é a diferença, para os brancos, entre viver sob uma ditadura e viver sob um regime democrático?
- 4) Em quais sentidos essas diferenças não se aplicam às populações indígenas?
- 5) Na visão do professor, o cerceamento de liberdades e a violência contra os povos indígenas é um problema histórico ou particular do período da ditadura militar? Elabore, explicando o que o professor quis dizer ao afirmar que “para os índios foram 515 anos de ditadura”, considerando que a entrevista foi realizada em 2015.
- 6) Quais são as consequências, para os indígenas, de os governos brasileiros reconhecerem somente o português como a única língua oficial do país?
- 7) Por que a ditadura militar no Brasil considerou que os resultados do Relatório seriam prejudiciais para a “imagem do Brasil”?
- 8) O que o professor implicou quando distinguiu “Brasil” e “governo brasileiro”?
- 9) O que o professor entrevistado quis dizer quando afirmou que a violência denunciada pelo Relatório “não se tratava de um caso patológico”?
- 10) Encontre na entrevista os exemplos de agentes da violência apresentados pelo professor.
- 11) Reflita sobre a questão: existe incompatibilidade entre ser uma “pessoa normal”, que frequenta a igreja e é afetuosa com a família, e executar atos de violência?
- 12) Para o professor entrevistado, qual processo ocorre “há mais de 500 anos no país”?
- 13) Como ele explica a espoliação das terras indígenas?
- 14) Quais as implicações de se “naturalizar esse processo”?
- 15) Quais as implicações de se utilizar a não-produção para o mercado como uma forma de se justificar a espoliação de terras?

Documento 7 – Questões:

- 1) Quais agentes provocaram a dizimação do grupo de origem de Davi Kopenawa?
- 2) O que o contato com os missionários norte-americanos trouxe para Kopenawa?
- 3) O que fez Davi se revoltar contra a influência dos missionários?
- 4) O que Davi Kopenawa conseguiu quando se esforçou para “virar branco”?
- 5) Como o contato com as doenças dos brancos pode ter influenciado a concepção de Davi Kopenawa a respeito de si, dos Yanomami e dos brancos?
- 6) Reflita a respeito do significado da trajetória de Davi Kopenawa, que transitou nas áreas limítrofes do contato entre indígenas e brancos: entre seu grupo de origem e os missionários, entre percorrer o território Yanomami e trabalhar para órgãos estatais, como o SPI e a Funai.
- 7) Quais tipos de contato com o branco podem ter permitido que Davi Kopenawa obtivesse um “conhecimento mais preciso da obsessão predatória” dos brancos?
- 8) Levando em consideração o Documento 2 e o Documento 5B, explore a razão pela qual Davi Kopenawa chama o povo branco de “Povo da Mercadoria”.
- 9) Quais ameaças a mercadoria representaria para a floresta e o povo Yanomami?

Documento 8 – Questões:

- 1) As epidemias que assolaram os Yanomami são chamadas por eles de *xawara*. No entanto, *xawara* se trata de um termo ao qual se pode atribuir diferentes significados. Explore o que *xawara* significa para os Yanomami. Indique a origem desse fenômeno, suas consequências, seu modo de agir e de propagar na terra e no céu e entre os seres humanos.
- 2) Quais as razões de os antepassados terem escondido o conhecimento sobre *xawara*?
- 3) Por que *Omamë* escondeu a *xawara* nas profundezas da terra?
- 4) O que levou os brancos a tirarem a *xawara* do fundo da terra?
- 5) Explore o significado da frase: “A *xawara* do minério é inimiga dos Yanomami, de vocês também.” Associe-a com as observações de Lévi-Strauss a respeito da função da mutualidade na concepção de mundo Yanomami.
- 6) Por que os Yanomami consideram o ouro um minério perigoso quando retirado da terra?
- 7) Qual a relação entre o ouro, a fumaça e a epidemia? Quais efeitos da “epidemia-fumaça” sobre a floresta, o céu, a terra, os espíritos dos pajés e mesmo *Omamë*?
- 8) O que Davi Kopenawa quis dizer quando afirmou que “a terra também fica doente”?
- 9) Qual a relação dessa frase com a ideia de que “a floresta está viva”?
- 10) Que função a “queda do céu” cumpre na forma como os Yanomami enxergam o mundo, sua realidade social, atingida por doenças, e os próprios brancos e garimpeiros?
- 11) Quais motivos podem ter os brancos de não se juntarem “a nós contra a *xawara*”?
- 12) Quais as consequências de os brancos não pensarem: “o céu vai desabar”?
- 13) O que Davi Kopenawa pensa que vai acontecer com o povo Yanomami se os garimpeiros não forem retirados das suas terras?
- 14) O que Davi Kopenawa quis dizer com: “os garimpeiros não gostam de nós, nós somos outra gente e por isso eles querem que nós morramos”?
- 15) Quais as implicações de os garimpeiros quererem “ficar sozinhos com nossa floresta”?
- 16) O que Davi Kopenawa quis dizer com: “Quando os garimpeiros acabarem com os Yanomami, outros não vão surgir de novo assim...”

Documento 9 – Questões:

- 1) Qual atividade econômica articula o colapso na subsistência dos Yanomami com a introdução das epidemias de malária e de outras moléstias?
- 2) Quais as consequências de se manter os Yanomami abandonados e submetidos ao domínio dos garimpeiros?
- 3) Qual a relação entre a propagação, pelos garimpeiros, das epidemias, como “fogo selvagem”, e a *xawara* descrita por Davi Kopenawa no Documento 8?
- 4) Como os jornalistas que se infiltraram na área descreveram a situação dos Yanomami?
- 5) Como as mortes e a desnutrição dos indígenas contrastam com a atitude dos garimpeiros em relação aos Yanomami?

Documentos 10A e 10B – Questões:

- 1) Descreva as imagens e elabore um título para elas.
- 2) Compare as duas imagens, estabelecendo semelhanças e diferenças.
- 3) Qual o ponto de vista dessas duas fotos? Elas parecem assumir algum posicionamento em relação ao que pretendem capturar? Quais posicionamentos seriam esses?
- 4) Analise as imagens a partir da concepção de *xawara*. Quais elementos estão presentes nas imagens que se podem associar à compreensão dos Yanomami sobre a destruição da floresta e o adocimento da terra, com a exploração dos minérios escondidos por *Omamẽ*?
- 5) Quais efeitos distintos se obtêm ao se fotografar “de cima” ou “ao nível do chão”?
- 6) Como a inserção de um sujeito indígena Yanomami na foto recontextualiza a devastação que as fotografias pretendem denunciar?

Documento 11 - Questões

- 1) Em que sentido “o que deveria ser uma conquista também virou um pesadelo”?
- 2) Reveja as fotos dos documentos 10A e 10B, leia os trechos da matéria acima e responda: Como o garimpo altera a paisagem das terras Yanomami?
- 3) Leia o documento 12B e, em seguida, responda: Por quê Davi afirma que as autoridades não estão preocupadas em retirar os garimpeiros das terras Yanomami? Quais seriam as relações entre a permanência de garimpeiros na região e a visão das autoridades brasileiras acerca da função destas terras? Elabore sua resposta.
- 4) De acordo com a entrevistada Alcida Rita, qual foi o primeiro choque dos povos Yanomami com os brancos? Que papel o governo brasileiro desempenhou nesse choque?
- 5) Segundo o relatório “Yanomami sob ataque”, as terras demarcadas vivem a sua pior devastação da história. Releia os documentos 12B e 15 e responda: Quais seriam as relações entre o aumento da degradação ambiental provocada pelo garimpo e o discurso de legitimação da exploração econômica em terras indígenas promovido por Bolsonaro?
- 6) O chamado Plano de Integração Nacional elaborado pela ditadura militar alegava que a região amazônica comportava “vazios demográficos” que, por meio da migração de segmentos populacionais do Nordeste, deveriam ser ocupados a fim de “integrar” a região amazônica ao resto do país. Lemas como “integrar para não entregar” eram mobilizados pelo governo para justificar a empreitada. Com base em seu conhecimento adquirido na leitura do conjunto dos documentos, responda:
 - a) Podemos dizer que a região era de fato um vazio demográfico?
 - b) O que o PIN elaborado pela ditadura militar buscava com a “integração” da região?
 - c) Quais as consequências do PIN para os povos Yanomami?

QUESTÕES
TERCEIRA SEQUÊNCIA:
CONFRONTO DE PERSPECTIVAS NA GUERRA PELO TERRITÓRIO

Documento 12A – Questões:

- 1) O que o deputado Jair Bolsonaro quis dizer quando afirmou em 1998 que “a cavalaria brasileira foi muito incompetente”?
- 2) Qual o posicionamento de Bolsonaro em relação à “cavalaria norte-americana” ter dizimado “seus índios no passado”?
- 3) Quais são as implicações políticas, sociais e culturais de se tomar os índios como um “problema” a ser resolvido pelos países?
- 4) Por quais motivos Bolsonaro não prega que se extermine o “índio brasileiro”?
- 5) O que Bolsonaro recomenda que se faça em relação às reservas indígenas?
- 6) O que significa uma reserva indígena ser demarcada “em tamanho compatível com a população”?

Documento 12B – Questões:

- 1) Por que ativistas e lideranças indígenas criticaram a auto-homenagem do governo federal ao presidente Jair Bolsonaro como “afronta” e “absurdo”?
- 2) Quais termos definem a “emancipação” dos indígenas, na perspectiva de Bolsonaro?
- 3) Por que, para Bolsonaro, os indígenas não teriam os mesmos direitos que os “brasileiros”?
- 4) Quais são as implicações de se afirmar uma distinção entre indígenas e “nós brasileiros”?
- 5) Qual a importância, para Bolsonaro, de os indígenas terem “direito ao uso da terra [...], explorando a sua diversidade e suas riquezas minerais”?
- 6) Qual a relação entre a exploração comercial das riquezas minerais, de um lado, e, do outro, os perigos da *xawara*, descritos por Davi Kopenawa?
- 7) Qual a relação entre Bolsonaro afirmar que os indígenas estão presos como “animais em zoológicos” e que Bolsonaro defende que as reservas tenham tamanho “compatível com a população”?
- 8) Qual a relação entre a exploração comercial da terra e a afirmação de Bolsonaro de que “cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”?
- 9) Qual a implicação de se afirmar que o índio está se tornando um “ser humano igual a nós”?
- 10) Levando em consideração o garimpo e a mineração, por que a demarcação de terras para reservas ambientais e indígenas teria sido nocivo para o “Brasil”, segundo Bolsonaro?

- 11) Quais diferenças se poderiam estabelecer entre “Brasil”, conforme os militares e Bolsonaro o concebem, e “governo brasileiro”?
- 12) O que interessa a Bolsonaro na reserva da Raposa Serra do Sol?
- 14) Para Bolsonaro, qual é a relação entre “integrar o índio à sociedade” e “explorar de forma racional essas grandes áreas” das reservas “enormes, riquíssimas”?
- 15) A declaração de Bolsonaro em 2020 de que o tamanho das áreas indígenas é “abusivo” corrobora ou contraria a sua posição em 1998 de que as reservas deveriam ter um tamanho “compatível” com a população?
- 16) Para Bolsonaro, as populações indígenas são significativas ou inexpressivas?
- 17) Como Bolsonaro condiciona o entendimento do indígena como “ser humano” e “brasileiro” aos interesses da exploração econômica da mineração e do garimpo?
- 18) Se há uma recusa dos indígenas em assumir os mesmos interesses do “Povo da Mercadoria”, como tais indígenas seriam caracterizados por Bolsonaro?
- 19) Reflita sobre como determinados setores da economia ou do espectro político apresentam o conjunto de seus interesses como os mais verdadeiros representantes da nação e do país.
- 20) Compare os efeitos da “integração” dos indígenas, segundo a concepção de Bolsonaro, com a desestruturação social, religiosa e política descrita por Davi Kopenawa, quando os indígenas são forçados a viver nas cidades como os brancos.
- 21) O que Bolsonaro entende por “Brasil de verdade”? Pode-se distinguir o “Brasil” de Bolsonaro em relação a outros “Brasis” que se encontrem no território indígena?
- 22) Qual o efeito político da afirmação de Bolsonaro de que “a visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros”?
- 23) Para Bolsonaro, quais são os interesses dos “governos estrangeiros, na sua guerra informacional” em relação à Amazônia?
- 24) Como Bolsonaro concebe a “autonomia econômica” dos indígenas? Qual a relação entre essa autonomia e a necessidade de exploração da terra para a produção de mercadorias?
- 25) Em que sentido, para Bolsonaro, os ambientalistas “atrapalham” os “amazônidas”?
- 26) Qual a relação entre a atuação dos grupos ambientalistas e o projeto de Bolsonaro de liberação do garimpo em terras indígenas?

Documento 13 – Questões:

- 1) Por que 20 homens armados da Facção desceram o Uraricoera com metralhadoras e fuzis?
- 2) O que se quis dizer com “se eles matarem 10, 15 índios, o negócio pega”?
- 3) Qual “BO” deu quando os “cabra desceram lá”?
- 4) O que “chegar atirando”, “metendo fogo”, significa para os indígenas da região?
- 5) Por que os garimpeiros sentem que estão participando de uma guerra contra os índios?
- 6) Pode-se caracterizar “É mais de 500 índios. Tudo encapuzado, tudo armado. É uma guerra”, segundo a perspectiva dos garimpeiros e a dos indígenas. O que a reação de 500 índios pode significar para os garimpeiros? Em qual sentido a mesma reação poderia ser caracterizada como uma forma de resistência, autodefesa e auto-preservação, por parte dos indígenas?
- 7) De que forma “Alguém tem informação das pessoas que desceram para confrontar com os índios, e os índios lá, o que que houve?” pode significar uma escalada do conflito?
- 8) Considere a fala: “Hein, foi a galera da Facção todinha. Morreu um... [...] da Facção. [...] E lá morreu parece que oito índios. E tem pra mais de dez baleado.” A balança do conflito pesa mais favoravelmente para o lado dos garimpeiros ou para o dos indígenas? Explique.
- 9) Considere a fala: “Ó espalhar aí, pros canoeira não passar hoje lá não. Porque não sabe o que os índio vão querer aprontar. [...] É para canoeiro não passar lá não. Pra ninguém confiar nesses índio lá, não.” O que essa fala revela a respeito da disposição dos garimpeiros em relação aos indígenas?

Documento 14 – Questões:

- 1) Quais as desgraças já conhecidas pelas populações indígenas no território Yanomami?
- 2) Quantos garimpeiros cercam as 350 comunidades indígenas no território Yanomami?
- 3) Qual a relação entre os áudios dos garimpeiros analisados no Documento 13 e a situação dos indígenas refêns de “um esquema criminoso que envolve aliciamento, assédio de menores, violência e abuso sexual contra mulheres e crianças, algumas embriagadas por bebidas alcólicas e estupradas até a morte.”
- 4) Quais efeitos da destruição do meio ambiente e da debilitação pelas doenças sobre a capacidade de os Yanomamis realizarem a caça e a pesca, buscando seu próprio alimento?
- 5) Esses efeitos da destruição possuem alguma relação com a *xawara*, a “queda do céu” e a forma como as concepções religiosas estruturam e organizam os Yanomami?
- 6) Qual efeito provocado pela escassez de alimentos?
- 7) O que os garimpeiros pedem dos indígenas em troca de comida?
- 8) Quem os garimpeiros escolhem para “dormirem com eles” em troca de comida?
- 9) Quantas crianças foram mortas depois de serem abusadas por garimpeiros?
- 10) Segundo um relato de abuso sexual de mulheres indígenas, o que o garimpeiro ofereceu aos indígenas e o que ele fez quando todos estavam bêbados?

- 11) Quais crimes serão apurados, segundo o procurador Alisson Marugal?
- 12) Segundo Dário Kopenawa, qual é “a mais nova estratégia do garimpo ilegal”?
- 13) Qual a relação entre a legalização do garimpo em terras indígenas, defendida por Bolsonaro, e o esquema criminoso descrito na reportagem?
- 14) Existe alguma correlação entre: as falas, os pronunciamentos e o ponto de vista de Bolsonaro, em favor da exploração econômica das terras indígenas; a percepção dos garimpeiros de estarem vivendo e executando uma “guerra”; a violência direta e imediata que os Yanomami sofreram e sofrem; e os alertas de Davi Kopenawa contra a destruição da floresta e a “queda do céu”? Articule e explicita essa correlação.

Documento 15 – Questões:

- 1) Para Marcelo Xavier, presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), qual a solução para os conflitos sociais provocados pelo garimpo ilegal no país?
- 2) Considere a denúncia do Relatório Figueiredo, de que o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) se transformou em um órgão de perseguição aos indígenas, cúmplice de crimes e violações. Pode-se afirmar que essa reversão de funções e a cumplicidade do Estado em relação à violência foram características peculiares do período de ditadura militar ou se trata de um fenômeno que não deixa de marcar o próprio tempo presente e a atuação da Funai? Explique.
- 3) A defesa da autorização da mineração em terras indígenas está em consonância com as crenças políticas de Bolsonaro, ou ela lhes é contrária?
- 4) Essa defesa contraria ou corrobora os interesses dos Yanomami?
- 5) Explique a frase do diretor da Funai: "O problema tem duas vítimas, tanto o indígena quanto o garimpeiro". Em qual sentido, para Xavier, os garimpeiros também seriam vítimas?
- 6) Nas falas reproduzidas pela reportagem, Xavier reconhece as especificidades da violência sexual contra as crianças Yanomami, assim como a atrocidade nas denúncias?
- 7) Qual a diferença entre Xavier afirmar que o garimpo ilegal se trata de um “problema [que] se passa há mais de 30 anos” e a constatação do relatório da Hutukara Associação Yanomami de que o garimpo ilegal creceu mais de três mil por cento desde 2016? Há uma discrepância na forma como o problema é percebido?
- 7) Como Marcelo Xavier justifica a migração de trabalhadores para o garimpo?
- 8) Qual o efeito político de Xavier caracterizar o movimento Acampamento Terra Livre (ATL) como uma “festa-ideológico-político-partidária”?

9) Qual o efeito político de Xavier afirmar que os manifestantes do ATL “não representam todos os indígenas”? Como essa afirmação dialoga com a de Bolsonaro, de que “a visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros”?

10) Qual o significado, para as populações indígenas, de Bolsonaro e Xavier desqualificarem suas lideranças por “não representarem todos os índios”? Em qual sentido Bolsonaro e Xavier acreditam representar mais fidedignamente o interesse dos indígenas?

11) Qual resposta Xavier dá às denúncias no relatório da Hutukara Associação Yanomami?

12) Quem os Yanomami responsabilizam pelo abuso e pela exploração sexual?

13) De que forma a gestão Bolsonaro, a “política do atual governo”, de “incentivo e apoio à atividade [garimpeira], apesar do seu caráter ilegal”, teria contribuído para o agravamento da violência e da exploração que os Yanomami sofrem?

Documento 16A – Questões:

1) Como o garimpo afeta a caça e a pesca dos indígenas?

2) Como o garimpo afeta o cotidiano dos indígenas?

3) Como o garimpo afeta o acesso a partes da floresta pelos indígenas?

4) Por que a liderança Yanomami está com raiva?

5) Como essa liderança descreve os garimpeiros?

6) Qual é o efeito retórico de se afirmar: “Eu sou povo da floresta!”?

7) O que a liderança indígena, em sua fala, reivindica?

8) Em que sentido, para a liderança Yanomami, “os garimpeiros destruíram nossa floresta”?

9) Quais impactos do garimpo sobre a saúde dos indígenas?

10) Explore o impacto simbólico de uma liderança Yanomami que exclamou: “Bolsonaro, busque seus filhos garimpeiros e os leve de volta!”

11) Qual o impacto de se introduzir drogas e bebidas alcóolicas nas comunidades indígenas?

12) Compare os fatores de desestruturação social provocada pelos garimpeiros, apresentados no excerto, e as consequências da *xawara* apresentadas por Davi Kopenawa no Documento 8.

13) Em qual sentido se pode afirmar que os Yanomami estão sob o risco de extinção?

14) Qual a relação entre o risco de se consumir o processo de extermínio dos povos Yanomami e o aumento da dependência com relação aos garimpeiros, em decorrência da desestruturação social provocada pelo garimpo ilegal?

15) Levando em consideração os Documentos 5A, 14 e 16A, discuta sobre o aumento da dependência dos povos indígenas em relação à sociedade e aos agentes responsáveis pela sua própria desestruturação e extermínio.

16) Como esse processo de aumento da dependência contribui para a fragilização das condições de vida dos povos Yanomami, que permite com que os abusos e as explorações sexuais se tornem mais frequentes, assim como o vício em drogas e bebidas alcóolicas?

Documento 16B – Questões:

- 1) Considere as denúncias no relatório “Yanomami Sob Ataque” e explique por que a liderança Yanomami quer que os líderes não indígenas “voltem seus olhos para esta terra”.
- 2) Levando em consideração o risco de extinção enfrentado pelos Yanomami, explore a forma como o sentimento de urgência é transmitido pela liderança Yanomami.
- 3) Qual o efeito político da liderança Yanomami excluir aos não indígenas que “não fiquem nos olhando sem interesse!”?
- 4) Quais as implicações de se olhar a situação dos Yanomami “com interesse”?
- 5) Relacione a conclamação da liderança indígena apresentada no Documento 16B, em busca de uma sensibilização das lideranças não indígenas, e a afirmação de Davi Kopenawa no Documento 3B de que “os brancos não nos conhecem”.
- 6) O que a liderança Yanomami defende que se deva fazer, com urgência, em relação ao acesso e à entrada de garimpeiros em terras Yanomami?
- 7) Por que a liderança indígena afirma que os Yanomami querem “ver logo a proibição da entrada de invasores”?
- 8) Considerando a exclamação de que “queremos viver em paz!”, reflita sobre o posicionamento dos indígenas em relação à invasão do garimpo, aos conflitos que ele provoca e à possibilidade de se caracterizar o ataque aos Yanomami como uma “guerra”.
- 9) Considerando que “a floresta está viva” e que “a terra também adoece”, qual é a importância dos rios para os Yanomami, que se pode apreender desse discurso de denúncia?
- 10) Para além de se fazer entendida e conhecida pelos povos não indígenas, despertando-lhes a atenção e o interesse para a urgência das denúncias, a liderança indígena responsabiliza os brancos em relação a quais termos de reparação?
- 11) Por que a liderança Yanomami quer que as lideranças não indígenas “venham todos limpar nossa terra!”? Relacione essa questão com a importância atribuída aos rios.
- 12) Reflita sobre o seguinte trecho do discurso: “Queremos que os líderes do mundo todo olhem para nós! Falem entre si, discutam sobre o que vem ocorrendo conosco!”
- 13) Relacione a afirmação de Davi Kopenawa de que “a floresta está viva” com a afirmação da liderança Yanomami de que “a floresta morreu!”
- 14) Quais os impactos, para a sociedade Yanomami, de se ter matado a floresta?
- 15) Como se realizou a devastação da floresta e quem a liderança Yanomami responsabiliza por esse processo de destruição?
- 16) Como a devastação da floresta se reflete no estado de espírito dos Yanomami?
- 17) O que a liderança quer dizer quando exclama: “Por que estamos estragados? Fomos arrasados pelo garimpo!” e “Eles acabaram com todos nós!”?
- 18) Reflita sobre a forma como a preservação da floresta, do céu, da terra e dos rios não se dissocia, na concepção de mundo Yanomami, da própria preservação de tais povos.

PRIMEIRA SEQUÊNCIA – OS POVOS YANOMAMI

DOCUMENTO 1A – Davi Kopenawa: “O céu vai desabar”.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos *xapiri*, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficis, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

(KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.6)

DOCUMENTO 1B – Claude Lévi-Strauss, sobre a mitologia ameríndia.

[...] Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam, para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista. O xamã yanomami – [...] – não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um. Lutando desesperadamente para preservar suas crenças e ritos, o xamã yanomami pensa trabalhar para o bem de todos, inclusive seus mais cruéis inimigos. Formulada nos termos de uma metafísica que não é a nossa, essa concepção da solidariedade e da diversidade humanas, e de sua implicação mútua, impressiona pela grandeza. É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende – e somos ainda muito poucos a compreendê-lo – nossa própria sobrevivência.

(LÉVI-STRAUSS, Claude. “Présentation”. *Chroniques d’une Conquête, Ethnies*, v. 17, pp. 5-7, 1993, p. 7. Apud KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 5.)

DOCUMENTO 2 – Canção: *Aiyra Ibi Abá.*

Homem branco chegou aqui e me perguntou:

"Quanto custa essa terra"

"Só falar que eu te dou"

Mas eu não entendi

Índio não entende

Minha terra é minha mãe

E a mãe não se vende

Minha terra é minha mãe

E a mãe não se vende

Eu agradeço a mensagem cálida

Mas cara pálida

Sua proposta não é válida

A vida não é propriedade de quem vence a guerra

A terra não pertence ao homem

O homem que pertence à terra

E aí que você erra

Pois não se pode comprar

A clareza da água

A pureza do ar

Eu não sou dono de nada

Nada disso é meu

Tudo isso é um presente que a natureza nos deu

Veja bem, esse rio é sagrado pra nós

Ele que matou a sede dos nossos avós

Ele corre em nós como sangue na veia

E é da seiva do solo que sai nossa ceia

Receio que ainda assim você não entenda

Já que em sua sociedade tudo está à venda

Mas índio se defende

E índio não se rende

Pois a honra para nós não é uma questão de renda

Homem branco chegou aqui e me perguntou:

"Quanto custa essa terra"

"Só falar que eu te dou"

Mas eu não entendi

Índio não entende

Minha terra é minha mãe

E a mãe não se vende

Veja, na natureza não há cobiça

A gente tira o que precisa

Nada se desperdiça

Dizem que índio tem preguiça

Mas é que não é normal

É o cúmulo, tamanho acúmulo de capital

Esse mundo tá doente, perdido

Se não posso deixar posse

Apenas passo a lição do ente querido

Não faz sentido trabalhar a vida inteira

Por coisas que cedo ou tarde vão parar numa lixeira

Não, eu não entendo sua maneira de vida

Seu progresso não passa de uma manobra suicida

Meu povo vive em igualdade e liberdade

Você chama sua sociedade de evoluída

Aiyra Ibi Abá

Aiyra Ibi Abá

Aiyra, Aiyra Ibi Abá

Aiyra Ibi Abá

Aiyra Ibi Abá

Aiyra, Aiyra Ibi Abá

Ultimamente quando eu ando pela Terra

Escuto o prenúncio de uma guerra

Do homem que mata

Do ferro que berra

Do grito aflito da mata oculto pelo ranger da motosserra

Senhor, se for tomar essa terra lhe peço um favor
Que ensine seus filhos a tratá-la com amor
Mas se for pra manchar e destruir
A terra em que eu nasci
Antes de partir me enterra aqui

Porém, saiba que ainda que eu me vá
Meu povo viverá
Pois somos um pedaço da alma deste lugar
E quando a última árvore tombar
O homem branco vai perceber
Que dinheiro não se pode comer

Aí você verá eu e você somos iguais
Temos a mesma alma que as plantas e os animais
Da terra viemos e pra ela iremos voltar
Mas até lá já será tarde demais

Tarde demais
Pela demarcação de terras
Contra os genocídios ambientais e culturais
Aiyra Ibi Abá: filho da terra
Aiyra Ibi Abá
Aiyra Ibi Abá
Aiyra, Aiyra Ibi Abá
Filho da terra, ser humano
Aiyra Ibi Abá
Aiyra Ibi Abá
Aiyra, Aiyra Ibi Abá

Minha terra é minha mãe (minha terra é minha mãe)
E a mãe não se vende (não)
Minha terra é minha mãe
E a mãe não se vende (não se vende, irmão)
Minha terra é minha mãe
E a mãe não se vende (jamais)
Minha terra é minha mãe
É o homem que pertence à terra (minha terra é minha mãe)

Aiyra Ibi Abá - (Fábio Brazza) - Participação: Mato Seco
Tupi or Not Tupi, 2016
Gravadora: Independente

**DOCUMENTO 3A – O saber Yanomami:
ensinamentos de *Omama* e dos *xapiri*.**

Não temos leis desenhadas em peles de papel [...]. Em compensação, possuímos a imagem de *Omama* e a de seu filho, o primeiro xamã. Elas são nossa lei e governo. Nossos antigos não tinham livros. As palavras de *Omama* e as dos espíritos penetram em nosso pensamento com a *yãkoana* e o sonho. E assim guardamos nossa lei dentro de nós, desde o primeiro tempo, continuando a seguir o que *Omama* ensinou a nossos antepassados. [...] [*Omama*] transmitiu-nos todas as palavras de nosso saber. Já os brancos têm escolas para isso. O que eles chamam de educação, para nós são as palavras de *Omama* e dos *xapiri* [...]. Por isso, enquanto vivermos, a lei de *Omama* permanecerá sempre no fundo de nosso pensamento. É em virtude dela que não maltratamos a floresta, como fazem os brancos. Sabemos bem que, sem árvores, nada mais crescerá em sua terra endurecida e ardente. Comeremos o quê, então? Quem irá nos alimentar se não tivermos mais roças nem caça? Certamente não os brancos, tão avarentos que vão nos deixar morrer de fome.

(KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 390-391)

**DOCUMENTO 3B - A Última Floresta (0:07:29):
“Os brancos não nos conhecem.”**

Davi Kopenawa: “Os brancos não nos conhecem. Seus olhos nunca nos viram. Seus ouvidos não entendem nossas falas. Por isso, eu preciso ir lá onde vivem os brancos. Por que é preciso ir lá? Fazer o que na terra dos brancos? Não devemos ter medo. Eles não conhecem os Yanomami de perto. Não quero ir lá para levar comida de festa nem dança folclórica. Por sermos filhos de *Omama*, os últimos filhos da floresta, precisamos lutar para nossas crianças crescerem saudáveis, e nossas filhas crescerem e virarem moças. Preciso ensinar o nosso pensamento para eles.”

DOCUMENTO 4 – Davi Kopenawa, sobre a iniciação xamânica.

Não nos tornamos xamãs comendo carne de caça ou plantas das nossas roças, e sim graças às árvores da floresta. É o pó de *yãkoana*, tirado da seiva das árvores *yãkoana hi*, que faz com que as palavras dos espíritos se revelem e se propaguem ao longe. A gente comum é surda a elas mas, quando nos tornamos xamãs, podemos ouvi-las com clareza. A *yãkoana*, como eu disse, é o alimento dos *xapiri*. Eles a chamam *raxa yawari u*, o mingau de pupunha da gente das águas. Bebem-na sem descanso, com avidez. Assim que sua força aumenta, eles a absorvem através do seu pai, o xamã, pois a *yãkoana* penetra nele pelo nariz, que é a entrada de sua casa de espíritos. [...] Logo depois de beber *yãkoana*, os *xapiri* se apoderam da imagem de seu pai, o xamã, e levam-na consigo para longe em seus voos, enquanto a pele dele fica estirada no chão. [...] *Yãkoanari* é o nome do pai da *yãkoana*. Sua imagem continua morando onde *Omama*, há muito tempo, deu de beber desse pó a seu filho, que foi o primeiro xamã. (...) Os espíritos da *yãkoana*, chamados *yãkoanari* e *ayukunari*, ficam ao nosso lado. Ajudam-nos a pensar direito e nossas palavras não param de aumentar e esticar graças a eles. É a *yãkoana* que nos permite, guiados pelos xamãs mais experientes, ver os caminhos dos espíritos e os dos seres maléficos. Sem ela, seríamos ignorantes.

(KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 136-137)

DOCUMENTO 5A – Davi Kopenawa, sobre diferença e sobrevivência.

Hoje, os brancos acham que deveríamos imitá-los em tudo. Mas não é o que queremos. Eu aprendi a conhecer seus costumes desde a minha infância e falo um pouco a sua língua. Mas não quero de modo algum ser um deles. A meu ver, só poderemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmos se transformarem em Yanomami. Sei também que se formos viver em suas cidades, seremos infelizes. Então, eles acabarão com a floresta e nunca mais deixarão nenhum lugar onde possamos viver longe deles. Não poderemos mais caçar, nem plantar nada. Nossos filhos vão passar fome. Quando penso em tudo isso, fico tomado de tristeza e de raiva. [...] Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte.

(KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 75-76)

DOCUMENTO 5B – A Última Floresta (1:06:42):

“A mercadoria faz mal para a floresta”.

Davi Kopenawa: “Fiquem com seus ouvidos atentos! Meu nome é Davi Kopenawa Yanomami, e vou ensinar algumas coisas para vocês. Vocês que vivem aqui na outra margem, daqui vocês não enxergam. Pensam que na floresta tudo é bonito. Mas os brancos que são autoridades liberaram o garimpo em nossas terras. As autoridades não indígenas usam muito a palavra ‘importante’. Para vocês que vivem na cidade, o mais importante é a mercadoria. Apesar de ter muitas mercadorias, o branco não divide. São sovinas. Fazer muita mercadoria faz mal para a floresta. Para nós, importante são os animais da floresta, a fertilidade. Importante é dividir o alimento entre o nosso povo, nossa sobrevivência, nosso crescimento, nossa forma de viver e nossa existência como povo.”

SEGUNDA SEQUÊNCIA – A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA

DOCUMENTO 6 – Relatório Figueiredo: mais de sete mil páginas sobre a violência contra indígenas no Brasil. Entrevista especial com José Ribamar Bessa Freire. (<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/154972>)

José Ribamar Bessa Freire - [...] O Relatório [Figueiredo] da Comissão Parlamentar de Inquérito [de 1963] já mostrou, antes do Golpe Militar, um conjunto de ações levadas contra os índios, sobretudo relacionadas à questão da disputa de terras com a cumplicidade do Serviço de Proteção aos Índios - SPI. O Relatório traz documentação mostrando que o Serviço de Proteção aos Índios se transformou em serviço de perseguição aos índios. [...] Em alguns países da Europa, sobretudo, e nos Estados Unidos, as pessoas estavam escandalizadas com o fato de que uma instituição criada pelo Estado Brasileiro para dar proteção aos índios, justamente era cúmplice de um conjunto de crimes cometidos contra os índios. [...] Isso levou o General Albuquerque Lima [Ministro do Interior, ao qual o SPI estava subordinado], então, a criar a Comissão de Investigação, e ele chamou o procurador Figueiredo para coordená-la. Essa comissão trabalhou por vários meses, percorreu diferentes lugares do Brasil e retomou os relatórios da Comissão Parlamentar de Inquérito e acrescentou novos dados. O resultado foi o que ficou conhecido como Relatório Figueiredo.

IHU On-Line - Como a questão indígena era tratada no país antes e durante a ditadura?

José Ribamar Bessa Freire - [...] para você, para mim e para nós que vivemos nas cidades, é extremamente diferente o fato de viver sob a ditadura ou sob a democracia. Para nós faz diferença porque em uma democracia, eu posso entrar em sala de aula e tenho liberdade para discutir com os alunos, tenho liberdade, relativa, para escrever em jornais, dependendo da linha do veículo, e tenho liberdade para publicar hoje, por exemplo, na internet, no meu blog, os textos que eu considerar importantes. Portanto, existe uma diferença muito grande, e os direitos de reunião, de manifestação e de livre associação que estão garantidos em um regime democrático, não existem na ditadura.

Agora, o que eu vou dizer é terrível, mas para os índios não tem diferença. Para os índios foram 515 anos de ditadura, mas em que sentido? Estou falando no direito de livre associação, livre manifestação etc. Durante cinco séculos os índios foram impossibilitados, por exemplo, de falar, porque o Brasil, tanto no período colonial quanto na República, desconheceu as línguas indígenas. Então, se os índios querem se queixar, por exemplo, em um tribunal de um país democrático, encontram o obstáculo da língua, porque o Brasil reconhece o português como única língua, como língua oficial. Assim, essas línguas foram relegadas para segundo plano. [...]

IHU On-Line - Quanto tempo durou a investigação que deu origem ao Relatório? Qual foi o destino do relatório ainda durante a ditadura?

José Ribamar Bessa Freire - [...] A divulgação do Relatório Figueiredo foi feita na imprensa antes do AI-5, e, portanto, nessa época havia uma margem de atuação dos jornais, porque ainda não havia censores dentro das redações. O Relatório demonstrava fatos escandalosos e foi considerado o escândalo do século, publicado nos jornais do mundo todo. A ditadura militar viu que a situação não era muito boa para a imagem do "Brasil", segundo eles diziam, mas era a imagem do governo brasileiro. [...]

A repercussão do Relatório foi grande porque não se tratava de um caso patológico, de pessoas que eram psicopatas e que atacavam os índios, mas de pessoas normais, que tinham família, que frequentavam a Igreja, tinham conta no banco e faziam carinho em seus filhos e, de repente, essas pessoas estavam envolvidas: eram grileiros, comerciantes, políticos, desembargadores, juizes, deputados, governadores, delegados, e até ministros. Quer dizer, eles aparecem no relatório com nome e sobrenome, demonstrando um processo que ocorre há mais de 500 anos no país, em que se tomou a terra dos índios, que eram donos de 100% do território brasileiro. Hoje, as terras consideradas indígenas, que são propriedades da União, representam menos de 13% do território brasileiro. Isso mostra que houve um processo de espoliação. Não se encontra, nos cartórios brasileiros, nenhum documento demonstrando que terras foram vendidas pelos índios, o que significa que todas as terras dos índios foram usurpadas dos indígenas. Por isso se costuma dizer que no Brasil todo mundo tem sangue indígena: quem não tem nas veias, tem nas mãos. O problema é que a tendência é naturalizar esse processo, dizendo que os índios são atrasados e não produzem para o mercado, e que ao tomar as terras deles, se produzirá. [...]

Com a promulgação do AI-5, o relatório foi engavetado e ninguém mais teve coragem de mexer com esses dados, porque a ditadura estava torturando, matando e perseguindo. Milhares de brasileiros já estavam exilados e o relatório foi dado como perdido. Ele só foi transferido da Funai para o Museu Nacional do Índio em 2008. Mas ele foi transferido com outra notação junto com uma série de outros documentos. [...] Só em 2013, Marcelo Zelic, da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e do Grupo Tortura Nunca Mais, encontrou o Relatório no Museu do Índio. Trata-se de um dossiê de 30 volumes, com mais de sete mil páginas, que ficou, ao longo desses 45 anos, esquecido e que agora volta à tona.

DOCUMENTO 7 – Doenças dos brancos na vida de Davi Kopenawa.

Quando criança, Davi Kopenawa viu seu grupo de origem ser dizimado por duas epidemias sucessivas de doenças infecciosas propagadas por agentes do SPI (1959-60) e, depois, por membros da organização norte-americana New Tribes Mission (1967). Foi submetido por algum tempo ao proselitismo desses missionários, que se estabeleceram no rio Toototobi a partir de 1963. Deve a eles seu nome bíblico, a aprendizagem da escrita e um apanhado pouco atraente do cristianismo. Apesar da curiosidade inicial, não demorou a se indignar com seu fanatismo e obsessão pelo pecado. Rebelou-se finalmente contra sua influência no final da década de 1960, após ter perdido a maior parte dos seus durante uma epidemia de varíola transmitida pela filha de um dos pastores.

Adolescente e órfão, revoltado por sucessivos lutos devidos às doenças dos brancos, mas ainda intrigado pelo seu poderio material, Davi Kopenawa deixou sua região natal para trabalhar num posto da Fundação Nacional do Índio (Funai), no baixo rio Demini, em Ajuricaba. Lá se esforçou, em suas próprias palavras, para “virar branco”. Tudo o que conseguiu foi contrair tuberculose. Essa desventura lhe valeu uma longa permanência no hospital, onde aproveitou para aprender alguns rudimentos de português. Uma vez curado, pôde voltar a sua casa no rio Toototobi, mas só por algum tempo. Em 1976, após a abertura da Perimetral Norte, foi contratado como intérprete da Funai. Assim, durante alguns anos, percorreu quase toda a terra yanomami, tomando consciência de sua extensão e de sua unidade cultural, para além das diferenças locais. A experiência lhe deu também um conhecimento mais preciso da obsessão predatória dos que ele chama de “Povo da Mercadoria”, e da ameaça que ela representa para a permanência da floresta e a sobrevivência de seu povo.

(KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 45-46)

DOCUMENTO 8 – Xawara - O ouro canibal e a queda do céu. Bruce Albert entrevista Davi Kopenawa.

Bruce: Gostaria que você contasse o que os Yanomami falam das epidemias que assolam o seu território por causa da invasão garimpeira.

Davi: Vou te dizer o que nós pensamos. Nós chamamos estas epidemias de *xawara*. A *xawara* que mata os Yanomami. [...] No começo, nós pensávamos que ela se propagava sozinha, sem causa. Agora ela está crescendo muito e se alastrando em toda parte. O que chamamos de *xawara*, há muito tempo nossos antepassados mantinham isto escondido. *Omamë* [o criador da humanidade yanomami e de suas regras culturais] mantinha a *xawara* escondida [...] e não queria que os Yanomami mexessem com isto. Ele dizia: "não! não toquem nisso!" Por isso ele a escondeu nas profundezas da terra. Ele dizia também: "Se isso fica na superfície da terra, todos Yanomami vão começar a morrer à toa!"

Tendo falado isso, ele a enterrou bem profundo. Mas hoje os *nabëbë*, os brancos, depois de terem descoberto nossa floresta, foram tomados por um desejo frenético de tirar esta *xawara* do fundo da terra onde *Omamë* a tinha guardado. *Xawara* é também o nome do que chamamos *booshikë*, a substância do metal, que vocês chamam "minério". Disso temos medo. A *xawara* do minério é inimiga dos Yanomami, de vocês também. Ela quer nos matar. Assim, se você começa a ficar doente, depois ela mata você. Por causa disso, nós, Yanomami, estamos muitos inquietos. Quando o ouro fica no frio das profundezas da terra, aí tudo está bem. Tudo está realmente bem. Ele não é perigoso. Quando os brancos tiram o ouro da terra, eles o queimam, mexem com ele em cima do fogo como se fosse farinha. Isto faz sair fumaça dele. Assim se cria a *xawara*, que é esta fumaça do ouro. Depois, esta *xawara wakëxi*, esta "epidemia-fumaça", vai se alastrando na floresta, lá onde moram os Yanomami, mas também na terra dos brancos, em todo lugar. É por isso que estamos morrendo. Por causa desta fumaça. Ela se torna fumaça do sarampo. Ela se torna agressiva e quando isso acontece ela acaba com os Yanomami. [...] Ela faz também morrer os brancos, da mesma maneira. Não são só os Yanomami que morrem. Os brancos podem ser muito numerosos, eles acabarão morrendo todos também. É isto que os Yanomami falam entre eles.

Quando esta fumaça chega no peito do céu [para os Yanomami, o céu tem "costas" (onde moram os fantasmas, o trovão e diversas criaturas sobrenaturais) e um "peito", que é a abóbada celeste vista pelos humanos], ele começa também a ficar muito doente, ele começa também a ser atingido pela *xawara*. A terra também fica doente. E mesmo os *hekurabë*, os espíritos auxiliares dos pajés [espíritos descritos como humanóides miniaturas e que são manipulados pelos pajés (considerados seus "pais") para curar, agredir, influir sobre fenômenos e entidades cosmológicas etc.], ficam muito doente.

Mesmo *Omamë* está atingido. *Deosimë* (Deus) também. É por isso que estamos agora muito preocupados. Os pajés que já morreram vão querer se vingar, vão querer cortar o céu em pedaços para que ele desabe em cima da terra. Nós queremos contar tudo isso para os brancos, mas eles não escutam. [...]

Nós queremos acabar com a *xawara*. Mas ela é muito resistente. Ela é toda enrugada e elástica... como borracha. [...] Os espíritos da *xawara*, os *xawararibë*, estão aumentando muito. Por isso a fumaça da *xawara* é muito alta no céu. Eles são tão numerosos quanto os garimpeiros, tão numerosos quanto os brancos. Por isso não conseguimos juntar-nos o suficiente para lutar. Os brancos não se juntam a nós contra a *xawara*. Os seus ouvidos são surdos às palavras dos pajés. Somente você, que é outro, entende esta língua. Os brancos não pensam: "o céu vai desabar". Eles não se dizem: "a *xawara* está nos devorando". Por isso ela está comendo também um monte das suas crianças, ela acaba com elas, as devora sem parar, as mata e moqueia como se fossem macacos que ela anda caçando. Ela amontoa, assim, um monte de crianças moqueadas. [...] Só quando tem o bastante é que ela pára. [...] É assim... *xawara* tem muita fome de carne humana; não quer caçar nem peixes, ela só quer a carne do Yanomami, porque ela é uma criatura sobrenatural. Quando os pajés tentam afugentar a fumaça da *xawara* que está no céu com chuva, também não dá... Ela está muito alta, fica fora de alcance e não pode ser afugentada. [...]

Bruce: Se os garimpeiros não forem retirados das suas terras, o que você pensa que vai acontecer para o povo Yanomami?

Davi: Se os garimpeiros continuam a andar em nossa floresta, se eles não voltam para o lugar deles, os Yanomami vão morrer, eles vão verdadeiramente acabar. Não vai haver pessoas para nos curar. Os brancos que nos curam, médicos e enfermeiras são poucos. Por isso, se os garimpeiros continuarem trabalhando em nossa mata, nós vamos realmente morrer, nós vamos acabar, só vai sobreviver um pequeno grupo de nós. Já morreu muita gente, e eu não queria que se deixasse morrer toda esta gente. Mas os garimpeiros não gostam de nós, nós somos outra gente e por isso eles querem que nós morramos. Eles querem ficar sozinhos trabalhando. Eles querem ficar sozinhos com nossa floresta. Por isso estamos muito assustados. Outros Yanomami não vão ser criados depois de nós. Quando os garimpeiros acabarem com os Yanomami, outros não vão surgir de novo assim... não vão, não. *Omamë* já foi embora deste mundo para muito longe e não vai criar outros Yanomami... não vai não.

DOCUMENTO 9 - Instrumentalização das doenças em prol da política de tomada ilícita de territórios nativos.

[...] Enquanto os garimpeiros provocavam um colapso na subsistência dos índios e introduziram devastadoras epidemias de malária - doença até então praticamente ausente na região do Paapiú - médicos, missionários católicos e antropólogos que trabalhavam com os Yanomami eram expulsos da área. Durante dois anos nada se pôde saber do que acontecia lá dentro. Os Yanomami foram totalmente privados de serviços de saúde justamente quando mais necessitavam deles, pois as epidemias de malária e outras moléstias trazidas pelos garimpeiros começaram a se propagar pelas comunidades como fogo selvagem.

Alguns jornalistas conseguiram infiltrar-se na área e trouxeram de volta imagens em fotos e vídeos de desnutrição aguda: homens, mulheres e crianças esqueléticos como já nos acostumamos a ver nos telejornais sobre a Etiópia ou a Somália, cadáveres de Yanomami abandonados pelo mato, arrogantes garimpeiros distribuindo remédios e enlatados aos índios enquanto zombavam deles, comparando-os a macacos.

(RAMOS, Alcida Rita. O papel político das epidemias: O caso Yanomami. *Série Antropologia*, n. 153, 1993, 21 p.)

DOCUMENTO 10A – Imagens do garimpo



Chico Batata. Garimpo no rio Mucajaí. 2020

DOCUMENTO 10B – Imagens do garimpo



Chico Batata. Garimpo no rio Mucajaí. 2020

DOCUMENTO 11 - Terra Yanomami completa 30 anos com maior devastação da história causada pelo garimpo.

(<https://g1.globo.com/rr/rroraima/noticia/2022/05/25/terra-yanomami-completa-30-anos-com-maior-devastacao-da-historia-causada-pelo-garimpo.ghtml>)

[...] Com a homologação, o que deveria ser uma conquista também virou um pesadelo. Há décadas, a Terra Yanomami é alvo de garimpeiros que buscam ouro, cassiterita e outros minérios. A Hutukara estima que atualmente há 20 mil garimpeiros explorando ilegalmente a região.

A presença dos invasores causa desmatamento, provoca poluição dos rios e impacta diretamente na saúde dos yanomâmi que vivem nas comunidades - sem contar os conflitos armados. Ano passado, em maio, garimpeiros abriram fogo contra a comunidade Palimiú, às margens do rio Uraricoera, uma das principais rotas usada pelos garimpeiros. Até hoje, a situação é de tensão.

"Os garimpeiros nunca saíram e as autoridades não estão preocupadas em retirá-los", diz Davi sobre os ataques a Palimiú.

Avanço do garimpo e desmatamento

Em meio ao avanço dos garimpos, visível na cor da água lamacenta dos rios e nas crateras a céu aberto, e ao aumento da violência, os números também endossam o estrago: a reserva vive a pior devastação da história, com 46% de aumento em um ano.

Relatório "Yanomami sob ataque", divulgado pela Hutukara em abril deste ano, apontou que, em 2021, a degradação causada pelo garimpo chegou à marca de 3.272 hectares, frente aos 2.234 hectares de 2020 -- 1.038 hectares a mais em um ano.

Em quatro anos, de outubro de 2018 até o fim de 2021, a área destruída pelo garimpo ilegal quase dobrou de tamanho, ultrapassando 3,2 mil hectares. [...]

Conflitos, violência sexual e malária

Os conflitos causados pelo garimpo na Terra Yanomami não começaram agora. Segundo a antropóloga e professora emérita da Universidade de Brasília (UnB) Alcida Rita Ramos, que trabalha com o povo Yanomami desde 1968, a invasão do território vem desde a década de 70, na ditadura militar.

Com uma série de políticas de ocupação na Amazônia, em 1973, o Exército deu início à construção da rodovia Perimetral Norte, que iria ligar toda a região no chamado Plano de Integração Nacional (PIN). A ação provocou uma série de epidemias, que diminuiu parte da população.

Paralisada no meio, a rodovia foi abandonada em 1976. No fim da década seguinte, aconteceu a invasão massiva de garimpeiros atrás da exploração de ouro.

Nos anos 1990, 12 indígenas foram mortos por garimpeiros no massacre do Haximu, um dos mais violentos registrados na reserva.

"Os primeiros estragos materiais foram a construção da Perimetral. Em dois anos, destruíram muito, mataram 22% da população de uma aldeia e foram embora. Até hoje, tem comunidades que não se recuperaram. Esse foi o primeiro choque do século 20, que terminou com outro choque violento: a massificação da invasão garimpeira. Foi tudo desencadeado. E, agora, no século 21, são garimpeiros, misturados com Covid e todo o lixo que a sociedade manda para eles", resume. [...]

TERCEIRA SEQUÊNCIA: O confronto de vozes e perspectivas na guerra.

DOCUMENTO 12A – Jair Bolsonaro, sobre a cavalaria brasileira.

“Até vale uma observação neste momento: realmente, a cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e, hoje em dia, não tem esse problema em seu país – se bem que não prego que façam a mesma coisa com o índio brasileiro; recomendo apenas o que foi idealizado há alguns anos, que seja demarcar reservas indígenas em tamanho compatível com a população”. Deputado federal Jair Bolsonaro, pronunciamento na Câmara dos Deputados, 15/04/1998.

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/e-verdade-que-bolsonaro-elogiou-cavalaria-norte-americana-por-dizimar-indios>

DOCUMENTO 12B – O que as frases e medidas de Bolsonaro mostram sobre a visão dos indígenas? (Reportagem do G1 de 16/03/2022)

Presidente já defendeu 'emancipação' de povos originários e disse que índios em reservas são como 'animais em zoológicos'. A auto-homenagem do governo federal ao presidente e a ministros com a concessão da medalha do mérito indigenista foi criticada como "afrenta" e "absurdo" por ativistas e lideranças indígenas.

Eles lembram que, da campanha eleitoral aos mais recentes projetos apoiados pelo governo, o presidente Jair Bolsonaro coleciona frases e medidas que são apontadas como desmonte da política ambiental e da proteção aos indígenas no Brasil.

[...] "É claro que é uma afronta total ao movimento indígena, ao ato pela terra, a tudo que a gente está fazendo para contrapor todas essas maldades desse governo", completa [Sônia Guajajara, liderança indígena e coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)]. [...]

1) 'Índio precisa de emancipação': Desde a campanha eleitoral, Bolsonaro anunciava que, na sua visão, os indígenas precisavam ser "emancipados" para, entre outras coisas, pudessem explorar comercialmente as terras onde vivem.

"Eu quero que todos vocês tenham os mesmos direitos que nós brasileiros temos. Eu quero que vocês, de fato, tenham direito ao uso da terra de vocês, explorando a sua biodiversidade e suas riquezas minerais." - Jair Bolsonaro.

Depois no poder, manteve a visão de que os indígenas são usados como "massa de manobra" por causa da criação de reservas indígenas.

Antes, ainda em 2018, na campanha eleitoral, disse que índios em reservas são como animais em zoológicos. No mês passado, Bolsonaro também afirmou: "Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós".

2) 'Índio tem reservas em excesso': Bolsonaro também já afirmou e defende que "demarcar terra para reservas ambientais" foi nocivo para para o Brasil, embora no artigo 231, a Constituição Federal declara os "direitos originários" dos índios sobre as terras tradicionalmente ocupadas e afirma que compete à União demarcar essas terras.

Logo depois de eleito, disse que tinha intenção de rever a demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, entre outras.

"Não há um plano nesse sentido, há uma intenção. Até porque não é só a Raposa Serra do Sol, são várias outras reservas enormes, riquíssimas, que o mundo está de olho lá. Então, acreditamos nós que, para integrar o índio à sociedade, não custa nada buscar uma maneira de explorar de forma racional essas grandes áreas", disse Bolsonaro.

E repetiu a intenção de não demarcar nenhuma nova terra indígena no seu governo. Em 2020, declarou que o tamanho das áreas indígenas é 'abusivo'. [...]

3) 'Defende a 'integração' dos índios à sociedade: Após tentar transferir as demarcações das terras indígenas para pasta da Agricultura, Bolsonaro voltou a dizer que vai 'integrar' índios e quilombolas. De acordo com o novo presidente, essas populações estão isoladas "do Brasil de verdade".

Em seu discurso na ONU em 2019, Bolsonaro criticou o líder cacique Raoni.

"A visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros. Muitas vezes, alguns desses líderes, como o cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia", afirmou Bolsonaro.

Naquele discurso, ainda defendeu uma "nova política indigenista" no país a fim de buscar "autonomia econômica" dos indígenas.

Neste ano, ao patrocinar o projeto que libera o garimpo em terras indígenas, o presidente atacou os ambientalistas. "O grande passo depende do parlamento, vão sofrer pressão dos ambientalistas. Esse pessoal do meio ambiente. Se um dia eu puder, eu confino-os na Amazônia, já que eles gostam tanto do meio ambiente, e deixem de atrapalhar os amazônidas aqui de dentro das áreas urbanas".

<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/03/16/o-que-frases-e-medidas-de-bolsonaro-mostram-sobre-visao-dos-indigenas-especialistas-explicam-em-3-pontos.ghtml>

10/05/2021

Áudio 1: “Fala aí meu amigo. Pois é, meu amigo. Alguém me informa aí o que tá acontecendo no [Rio] Uraricoera?”

Áudio 2: “Rapaz, o negócio aqui vai pegar. Tá descendo uma canoa aqui da Facção. Mais de vinte homens armados, lá para os Americano [apelido de Missão Evangélica na Terra Indígena Yanomami], que tomaram os óleo deles aí. Tá os [motores] 75 [HP] aqui. Bem perto do flutuante. Vai descer agora, tudo com metralhadora, fuzil, os caralho aí. Vão descendo pros Americano lá. O negócio vai pegar. Se eles matarem 10, 15 índios, o negócio pega aqui dentro. E a gente tem de ficar pila, cabreiro por aqui. Eles estão descendo, estão bem aqui pertinho, onde era o barraco da Roseli, bem aqui do Piuí. Daqui a pouco, eles descem aí.”

Áudio 3: “Rapaz, Patrick, aqui deu BO, dos cabra desceram lá... Chegaram nos Americano [apelido de Missão Evangélica na Terra Indígena Yanomami] lá, foi atirando. Tem gente baleada para todo lado. Chegou aqui dois baleado já. E lá diz que tem um bocado de índio baleado [...]”

Áudio 4: “Desceu hoje foi duas canoa, duas canoa com home tudo armado. Chegaram num contaram a história, metendo fogo. Já chegou gente baleado pra todo lado. Diz que lá o negócio tá feito. Lá o tiroteio tá grande.”

Áudio 5: “Mas eu ia descer amanhã. Tô arrumado... Já tô arrumado para descer, esperando a canoa. Mas agora como é que desce? Tá vindo meio mundo de homem aí, tudo armado lá, [...], terminar de matar os índio. Aí, quem é que desce? Ninguém desce mais.”

Áudio 6: “É mais de 500 índio. Tudo encapuzado, tudo armado. É uma guerra. Vai ser um tiroteio monstro.”

Áudio 7: “Inda agora, parou uma canoa aqui. Nós vamo pensar que é dos índio. Já ia correndo... O negócio vai ficar feio.”

Áudio 8: “Alguém tem informação das pessoas que desceram para confrontar com os índios, e os índios lá, o que que houve?”

Áudio 9: “[...] É mais certeza que amanhã ou hoje mesmo o aviação roda aí.”

Áudio 10: “Hein, foi a galera da Facção todinha. Morreu um... Informação que tá tendo aqui... que morreu um, da Facção. E tem dois baleado. E lá morreu parece que oito índios. E tem pra mais de dez baleado.”

Áudio 11: “Ó espalhar aí, pros canoeira não passar hoje lá não. Porque não sabe o que os índio vão querer aprontar. Quem tiver subindo com carga é para avisar, no Estreitinho, entendeu? No Korekorema. É para canoeiro não passar lá não. Pra ninguém confiar nesses índio lá, não. Dois menino da canoa, lá, [carinha] da canoa. Mandou [recado] para mim, pedindo: para avisar isso aí.”

“Áudios de garimpeiros apontam para ‘facção armada’ e risco de massacre na terra yanomami.” (10/05/2021) Site do Instituto Socioambiental. Link:

<https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/audios-de-garimpeiros-aptantam-para-facao-armada-e-risco-de-massacre-na-terra-yanomami>

DOCUMENTO 14 – Reportagem do jornal O Globo (10/04/2022): “Terror ianomâmi: garimpeiros aliciam mulheres e adolescentes indígenas trocando comida por sexo”, por Daniel Biasetto.

RIO — O inclemente avanço do garimpo ilegal em território Ianomâmi traz no rastro de suas desgraças já conhecidas, como devastação da floresta, malária, contaminação de rios e fome, novos episódios de terror ao dia a dia da maior terra indígena do país, hoje cercada por mais de 20 mil garimpeiros. Por lá, onde estão cerca de 350 comunidades (quase todas, incluindo as de índios isolados, afetadas pela ação do garimpo), os indígenas são reféns de um esquema criminoso que envolve aliciamento, assédio de menores, violência e abuso sexual contra mulheres e crianças, algumas embriagadas por bebidas alcoólicas e estupradas até a morte.

Com pouca oferta de caça e pesca em razão da destruição do meio ambiente e debilitados por doenças que os impedem de buscar o próprio alimento, jovens indígenas estão sendo forçados a trabalharem para os garimpeiros, que vendem porções de arroz que sobram dos acampamentos em troca de alguns gramas de ouro. Os invasores se aproveitam da fome em algumas comunidades e propõem a troca de comida por sexo, escolhendo adolescentes e mulheres para dormirem com eles.

Relatos de pesquisadores indígenas, antropólogos e tradutores das seis línguas faladas entre os ianomâmis, reunidos em relatório que a Hutukara Associação Yanomami lança amanhã e ao qual O GLOBO teve acesso a partes com exclusividade, revelam que ao menos três crianças e adolescentes entre 10 anos e 13 anos foram mortas depois de serem abusadas por garimpeiros, na região central do território conhecida como polo-base Kayanaú. As mortes ocorreram em 2020, mas agora, após entrevistas com indígenas nas aldeias mais afastadas e afetadas pelo garimpo, é que elas vieram à tona.

Moradores da comunidade Apiaú descrevem cenas de abuso sexual de mulheres indígenas semelhantes às de Kayanaú. Segundo um relato, um garimpeiro ofereceu drogas e bebidas a indígenas, e quando todos já estavam bêbados, estuprou uma criança.

O Ministério Público Federal de Roraima e a Polícia Federal já receberam denúncias de crimes parecidos em outras regiões, mas casos específicos de estupro e morte por abuso em terras indígenas até então não foram investigados no âmbito federal.

— Vamos nos inteirar das denúncias para ver como agir diante do desafio gigantesco de apurar esses tipos de crimes em território tão vasto. Mas certamente vamos investigar, pois há pelo menos três crimes contra a dignidade sexual de vulneráveis; trabalho escravo, que é um crime contra os direitos humanos; e também um crime contra o Estatuto do Índio que é a disseminação de bebida alcoólica entre indígenas de recente contato — diz o procurador Alisson Marugal, que atua no MPF em Roraima.

Para o vice-presidente da Associação Hutukara Yanomami, Dário Kopenawa, o aliciamento dos jovens por grupos criminosos também ocorre nas comunidades indígenas.

— A questão do aliciamento de minoria jovem ianomâmi é a mais nova estratégia do garimpo ilegal. Enganam dando a ilusão de que vão ficar ricos com ouro e cassiterita. Cachaça, espingarda, cartuchos e celulares, tudo eles dão para que não sejam denunciados às autoridades. É uma relação de escravidão, exploração— afirma Kopenawa.

<https://oglobo.globo.com/brasil/terror-ianomami-garimpeiros-aliciam-mulheres-adolescentes-indigenas-trocando-comida-por-sexo-1-25469615>

DOCUMENTO 15 – Reportagem do Brasil de Fato: “Garimpeiros são tão vítimas quanto os Yanomami, diz presidente da Funai”, por Murilo Pajolla - Brasil de Fato \Lábrea (AM) 12/04/2022, 18:54.

Xavier culpou governos anteriores e a Venezuela pela tragédia nos Yanomami e disse que solução é autorizar mineração.

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcelo Xavier, afirmou nesta terça-feira (12) que autorizar a mineração em terras indígenas é a solução para os conflitos sociais provocados pelo garimpo ilegal no país.

A declaração foi feita durante entrevista à Jovem Pan News. Perguntado sobre cenário de fome, doenças e exploração sexual na Terra Indígena Yanomami, Xavier afirmou que os garimpeiros trabalham em condições insalubres: "O problema tem duas vítimas, tanto o indígena quanto o garimpeiro".

A tragédia social vivida pelos Yanomami foi detalhada em um relatório publicado na segunda (11) pela Hutukara Associação Yanomami. Segundo os indígenas, o garimpo ilegal cresceu mais de três mil por cento desde 2016.

O presidente da Funai disse que "o problema se passa há mais de 30 anos" e culpou o presidente da Venezuela e governos anteriores do Brasil. "As pessoas que estavam trabalhando no petróleo [na Venezuela] tiveram a migração para essa atividade mineral no sul do estado, no rio Orinoco, inclusive liberado pelo 'seu' [Nicolás] Maduro".

Xavier enfrenta forte oposição dos indígenas. As organizações de povos originários estão reunidas no Acampamento Terra Livre (ATL) em Brasília, onde denunciam a política ambiental de Jair Bolsonaro (PL).

A mobilização também é contra a proposta do governo de liberar a mineração em territórios ancestrais. À Jovem Pan, Xavier chamou o ATL de "festa ideológico-político-partidária" e disse que os manifestantes não representam todos os indígenas.

Fome, doenças e exploração sexual nos Yanomami:

Os efeitos da explosão do garimpo ilegal em território Yanomami são sentidos por 16 mil moradores de 273 comunidades, o equivalente a 56% da população total. Os casos de malária explodiram, e a fome se espalhou pelo território.

Mas o ouro e a cassiterita extraídos ilegalmente não são tudo. Os garimpeiros usam a fome e bebidas alcoólicas para explorar sexualmente crianças e mulheres. As vítimas vivem um clima permanente de terror e angústia. Os Yanomami responsabilizam principalmente a gestão Bolsonaro. Segundo o relatório da Hutukara Associação Yanomami, a “política do atual governo” é de “incentivo e apoio à atividade, apesar do seu caráter ilegal, produzindo assim a expectativa de regularização da prática”.

DOCUMENTO 16A – “Yanomami Sob Ataque”:

Depoimento de liderança Yanomami: “Os garimpeiros destruíram nossa floresta”

Em relato concedido ao Ministério Público Federal na época dos ataques, lideranças do Palimiu registraram diversos impactos provocados pelo garimpo ao seu sistema produtivo, além das ameaças e da violência que vinham sofrendo. Segundo eles, antes da invasão “a pescaria era boa, a caçaria era boa”, mas agora não, o rio está contaminado (*xami*) e a caça emagreceu (*yaropë romihipë*). Descreveram áreas degradadas pela atividade, tanto na margem do rio, quanto no interior da floresta, que antes faziam parte da sua área de uso cotidiano e que hoje não podem mais ser acessadas pelas famílias. Assim, para caçar, pescar e coletar frutos devem-se deslocar para locais mais distantes, o que tem comprometido o tempo disponível para outras tarefas. Em uma entrevista a jornalistas que visitaram a aldeia após os ataques uma das lideranças expressou a sua revolta:

“Eu, sendo uma liderança, estou com muita raiva! Você pode ver em minha cara que estou com muita raiva, não fique enviando seus filhos garimpeiros em nossa terra! Eu não aceito isso! Eu não aceito! Eu não quero essas coisas ruins! Vocês são violentos! Seus filhos são violentos. Ficou toda essa situação ruim de agressões aqui! Eu não quero isso! Vocês deixaram tudo terrível para nós! Eu sou povo da floresta! Não quero ver isso! Eu quero é assistência à saúde de verdade, projetos de verdade! Polícia de verdade! É isso que eu quero ver! Os garimpeiros destruíram nossa floresta. Nós, lideranças, não queremos seus garimpeiros! Nossos animais de caça já acabaram! As crianças já estão sofrendo com doenças de pele e diarreias! Nossos filhos já estão doentes! Bolsonaro, busque seus filhos garimpeiros e os leve de volta!”

Outros impactos relatados pelas lideranças dizem respeito à introdução de drogas e bebidas alcoólicas e o acirramento de conflitos internos nas comunidades. Eles deram o exemplo da *Aracaçá* que, segundo descreveram, está em vias de desaparecimento, tamanha a desestruturação social provocada pela influência dos garimpeiros (*Thëpë piriô yai hoximi!*). Segundo os *Palimiu Theli*, no *Aracaçá*, os *Sanöma* deixaram de abrir roças e hoje dependem da alimentação oferecida pelos garimpeiros em troca de serviços, como carregar combustível e realizar pequenos fretes de canoa. Lá, ainda de acordo com os *Palimiu Theli*, os garimpeiros introduziram bebidas e um “pó branco” que deixaram os *Sanöma* viciados, alterados e violentos (“*pihi yayoprarioma*”, “*pihi xi warihiprario*”, “*pihi yaiprarioma*”), resultando em muitos episódios de violência entre os de *Aracaçá*.

(Yanomami Sob Ataque. Garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para combatê-lo. Abril de 2022, p. 36.)

DOCUMENTO 16B – “Yanomami Sob Ataque”: Depoimento de liderança Yanomami gravado por Richard Mosse na região Palimiu em Junho de 2021.

Eu quero que todos vocês não indígenas voltem seus olhos para esta terra! E sabem o por que queremos isto? Para que todos os líderes não indígenas, venham rapidamente nos apoiar! Eu estou falando o que eu penso! Vocês não indígenas, vocês que vivem em terras distantes, não fiquem nos olhando sem interesse! Não quero que fiquem nos olhando à toa! Tenham urgência! já que vocês têm muita força, vejam que nós Yanomami estamos mesmo sofrendo! Tudo isso está muito evidente! Por isso peço urgência que façam uma barreira nesse rio [para impedir a entrada de invasores] quero que fechem rapidamente o acesso aos garimpeiros! Por que a entrada deles é permitida? eu não aceito isso!

Queremos ver logo a proibição da entrada de invasores! Queremos viver em paz! Há muito tempo estamos sofrendo com nossas águas sujas! Por que os rios estão sujos? os rios de onde bebemos água estão sujos! onde pescamos também! Sempre aparecem corpos de garimpeiros mortos flutuando no rio! Não aguento mais ver essas coisas! Quando os peixes comem as carnes dessas pessoas mortas, acabamos por comer esses peixes gordos de carne humana, e eu não aceito isso! portanto quero que vocês, lideranças não indígenas, venham todos limpar nossa terra! E por que eu quero isso? Este rio aqui, é a fonte do nosso alimento, onde pescamos. É de onde vem nossos peixes, se eu não puder pescar o que irei fazer? Porém cansamos de ver corpos putrefatos de garimpeiros, de quem são estes corpos? de quem eram os ossos destes rostos?

É isso que nós estamos dizendo. Então eu não quero isso! Queremos que os líderes do mundo todo olhem para nós! Falem entre si, discutam sobre o que vem ocorrendo conosco! Queremos também o apoio das associações Yanomami! Que todos vocês voltem seus olhos para nós! Nós estamos sofrendo junto com a floresta! Toda a floresta está sofrendo! A floresta morreu! Agora a floresta morreu. Faz tempo que eles mataram esta floresta. Acabaram com todas as árvores que comíamos os frutos! derrubaram todas as grandes árvores! E quem foi que fez isso? Foram os garimpeiros que acabaram com elas! A nossa terra está completamente morta! Então volto a pedir, a todos os líderes que venham em nosso socorro! Aqui onde moramos estamos arrasados! da mesma forma como a floresta está devastada, nós também estamos! Por que estamos estragados? Fomos arrasados pelo garimpo! Todos nós estamos passando por isto em toda a nossa terra, queremos abrir seus olhos. Eles acabaram com todos nós! Então vamos fechar o rio! Portanto, líderes do mundo, prestem muita atenção! Levantem seus olhos! Eu não quero mais ficar sofrendo sem razão! É isto que eu gostaria de dizer para vocês, grandes líderes!

(Yanomami Sob Ataque. Depoimento de liderança Yanomami gravado por Richard Mosse na região Palimiu em Junho de 2021, p. 4.)